

Exportar e morrer

O mundo parou — e esperamos que seja para pensar. Segundo as publicações especializadas, a economia global — amarrada ao mercado dos Estados Unidos — entrou em recessão. A revista *Time*, datada de hoje, traz o balanço rápido, em gráficos, do que está ocorrendo. A economia norte-americana, depois de dez anos de crescimento acelerado, entrou em declínio. Sob o significativo subtítulo de "Exportar e morrer", a revista resume a situação dos "exemplares" tigres asiáticos. Como eles basearam sua estratégia econômica na exportação — e não na divisão da renda que fizesse crescer seu mercado interno —, chegou a hora da morte.

A publicação norte-americana mostra que o mundo se cansou, rapidamente, do neoliberalismo. Amarrado a idéias insensatas e excluidentes entre si (a potencialidade ilimitada do mercado e a exclusão social, sob a primazia do capital rentista; o fim do Estado e da política, e sua substituição por comitês de banqueiros, que controlam as grandes corporações e os bancos centrais; o fim do bem-estar social e a contenção policial da cidadania; o consumo estimulado pela abertura dos mercados, o endividamento interno e externo, a concentração da renda de acionistas e executivos e a redução da dos salários dos trabalhadores e das classes médias), o processo se exauriu em suas contradições. O boom dos anos 90, fundado na alta tecnologia, chegou à exaustão que se reflete em todas as atividades. Para agravar o quadro, nunca as famílias norte-americanas deveriam tanto, o que leva seu consumo a forçada contração.

A eleição do sr. Fernando Collor, há 12 anos, foi o resultado de conspiração bem urdida contra o Brasil, na esteira do projeto anglo-norte-americano de colonização do Terceiro Mundo, sob os estandartes, retingidos, do liberalismo econômico do século 19. A queda do Muro de Berlim afastava do cenário o competidor ideológico maior, mas havia competidores econômicos a inibir. Que país, entre os que emergiam, teria maiores condições políticas e naturais para opor-se ao projeto? O Brasil dispunha (e dispõe) de mercado interno que representa quase um terço do Mercado Comum Europeu, com o maior parque industrial do hemisfério sul, grandes empresas estatais e privadas nos setores estratégicos, algumas com atuação internacional, grandes centros de pesquisa tecnológica de referência, a maior biodiversidade do planeta e água ainda em abundância. A fim de impedir projeto viável de autonomia, os interesses comuns das corporações estrangeiras e de alguns empresários nacionais construíram, com a cooptação e o suborno de lideranças políticas, o apoio de parcela dos meios de comunicação e a demagogia elaborada pelos marqueteiros, a candidatura vitoriosa do títere Fernando Collor.

A corrupção do governo Collor interrompeu o processo, com o impeachment e a chegada de Itamar ao poder. Em momento infeliz — que se explica pela necessidade de não deixar o Ministério da Fazenda acéfalo — o presidente da República trans-



POR
MAURO
SANTAYANA

formou seu chanceler em todo-poderoso vizir, ao entregar-lhe a direção da política econômica. Não foi difícil retomar, com Fernando Henrique, o projeto que haviam elaborado para Collor. Pelo contrário: dessa vez contavam com equipe muito bem preparada nas universidades norte-americanas, e reforçada pela liderança de intelectual renomado, com atestado ideológico. O combate à inflação levou Itamar a adotar o Plano Real. Os economistas mais lúcidos, como José Luis Fiori, perceberam o engano, e o denunciaram. Mas os êxitos aparentes tornaram o ministro o seu sucessor natural, não obstante a advertência de alguns conselheiros ao chefe de governo, de que a escolha de Fernando Henrique era errada e levaria o Estado ao desmantelamento e a nação ao desencanto.

Os países mais ricos suportarão a recessão anunciada porque dispõem de gordura para queimar, de prosperidade poupança. E o Brasil? Como será possível enfrentar a crise? Perdemos todos os grandes ativos, que produziam lucros, sempre reinvestidos diretamente ou utilizados nos projetos regionais de desenvolvimento. Multiplicamos a dívida, não temos controle efetivo sobre a moeda, sujeita, com a abertura do sistema financeiro, à manobra dos especuladores, e o crescimento do PIB, visto no período de Fernando Henrique,

é, em média anual, o menor de toda a história republicana. Mais do que isso: a fim de pagar os juros, cada vez maiores, da dívida voluntariamente construída, o governo já não investe em infra-estrutura, e corta as despesas de custeio: estamos em setembro e só foram executados cerca de 15% do Orçamento de 2001. Os prejuízos não se aferem apenas na estagnação da economia, mas sobretudo no sofrimento real das pessoas. De vez em quando a violência —

OS PAÍSES MAIS RICOS SUPORTARÃO A RECESSÃO ANUNCIADA PORQUE DISPÕEM DE GORDURA PARA QUEIMAR, DE PROSPERIDADE POUPADA. E O BRASIL? COMO SERÁ POSSÍVEL ENFRENTAR A CRISE?

banal na periferia das grandes cidades e nas novas fronteiras agrícolas — atinge personalidades conhecidas, e a imprensa e o Parlamento apontam a injustiça como uma das causas da expansão da delinquência, mas o assunto é logo esquecido.

E os que morrem de fome? A imprensa denuncia que entre os cadiués — índios guaranis do Mato Grosso do Sul que se destacavam por seu orgulho — a mortalidade infantil agravou-se neste período: mais da metade das crianças nascidas vivas morrem antes de completar um ano.

O desemprego, a pauperização da classe média, a violência (mais de 40 mil assassinatos por ano) e o descalabro econômico são o resultado dessa opção criminosa pelo neoliberalismo. Os que a fizem, em nosso nome, não perderam nada; ao contrário, ganharam — como saberemos, pelo menos em parte, quando algumas contas bancárias, internas e externas, forem conhecidas. E a insensatez continua: o governo acaba de entregar a um banco privado todas as agências dos Correios a fim de serem utilizadas como rede bancária privada. A tanto não chegaram os países centrais, por mais liberais se apresentem: neles, os bancos mais utilizados são os bancos postais, de propriedade e gestão do Estado.

■ MAURO SANTAYANA
■ JORNALISTA